

Manifestações espirituais não explicadas pelo inconsciente

É tempo de ficar assentado que a hipótese da intervenção dos Espíritos tem o direito de ser estudada seriamente, e de que nesse estudo não nos podemos afastar das regras de uma demonstração científica. (OWEN)

Infelizmente, só de pouco tempo para cá é que nos demos conta de que é útil juntarmos provas contra a tese do inconsciente “sabe-tudo-pode-tudo”, pregado por pseudo-cientistas que ainda não se deram conta do ridículo de suas teses para explicar as manifestações espirituais. Certamente, teríamos inúmeros casos para provar categoricamente que o inconsciente não é um todo-poderoso quanto querem determinados religiosos que fazem uso dele para combater a realidade da comunicação entre os dois planos da vida.

Vamos, na medida do possível, reparar isso, trazendo aos nossos leitores três casos em que fica comprovada, de maneira irrefutável, a ação de um espírito, com vontade e sentimentos próprios. Leiamos:

CASO 1:

UMA QUINTA VENDIDA A CONTRAGOSTO

Caro Sr.: Há poucos dias me manifestastes o desejo de que vos contasse, por escrito, as circunstâncias que me induziram a abandonar a minha precedente residência. Eis aqui os fatos: Em Janeiro de 1860, comprei uma quinta meio retirada, mas nas proximidades de Chiswick.

O meu predecessor imediato tinha sido uma dama que, dezesseis anos antes havia construído essa e outra quinta vizinha. A última foi vendida a um cavalheiro idoso; ele e a mulher, pacíficos e respeitáveis vizinhos. Como sabeis, minha família é composta por mim, minha filha e uma criada.

Tomei para mim o quarto da frente, grande aposento de dezoito pés de comprimento e vinte e cinco de largura. Na primeira noite da minha ocupação, estando o céu límpido e a sala alumada pelo clarão da chaminé, ouvi um ruído singular, que começou antes da meia noite e continuou por algum tempo, porém, pouca atenção lhe prestei. O mesmo ruído perdurou, com poucas interrupções, por muitas semanas, e cresceu a ponto de causar séria perturbação, despertando-me regularmente do primeiro sono as onze e meia horas e, ocasionalmente, as onze e vinte minutos. Os sons pareciam originados pelos passos pesados de alguém que andasse de um lado para outro ao longo da sala, com os pés descalços ou ligeiramente calçados. Os passos eram tão pesados que produziam vibração nos objetos de louça do lavatório, e nos pequenos artigos do toucador.

Minha primeira impressão foi que meus vizinhos sofriam de insônia; mas, entabulando relações com eles, fiquei sabendo que tal não se dava. Depois, atribuí o ruído ao meu relógio de câmara, porém, inutilmente o mudei por diversas vezes de lugar. O som continuou perfeitamente distinto do produzido pelo relógio.

Uma outra experiência não deu resultado. Frequentemente, colocava-me de modo que pudesse impedir a passagem de quem se movesse em tal sentido, mas isso não fez cessar nem modificar o ruído.

Às vezes, abria a janela e me assentava perto, para ver o despontar do dia; mas, os sons continuavam sempre, até às quatro ou cinco horas.

Conheci que esses ruídos produziam nos outros a mesma impressão que em mim. Por três ou quatro vezes, despertei minha filha; e tanto a ela, como a mim, os sons pareciam provir de passos pesados. Uma vez, um amigo indo

visitar-nos, convidamo-lo a pernoitar na quinta e acomodamo-lo no quarto da criada, indo esta dormir num sofá, no meu quarto. Por duas vezes, durante a noite, a criada acordou assustada e exclamou: "Minha ama, que é isso? - Que é isso?" e envolveu a cabeça nos lençóis.

Afinal, a cousa se tornou tão incômoda e mesmo tão terrível para mim, que resolvi abandonar a quinta, e, com grande prejuízo, achei um comprador.

Depois, vim a saber por uma velha criada, que a dama que tinha construído aquela casa e aí morrido, de cujo irmão eu a havia comprado, sofria de uma enfermidade penosa e incurável, que a forçava, depois de curto sono, a passear pelo quarto até às quatro ou cinco horas da manhã, quando, exausta, se lançava ao leito.

Ainda outro vizinho confirmou o fato. Ele tinha, muitas vezes, visto a velha dama passeando de um lado para outro, quando alguma enfermidade em sua família o obrigava a velar até o amanhecer.

Isso não é a solução do problema; mas se vos relato os fatos é porque eles se prendem a outros acontecimentos.

Vossa respeitadora,

Mary Propert

Reconhece-se facilmente que tais fatos pertencem à classe dos fenômenos frequentemente desacreditados e conhecidos com o nome de casas mal-assombradas. O importante do caso é o seu aspecto invariável. A dama que narra a história e parece ter sido uma observadora desapaixonada, achou a perturbação tão seriamente real e persistente, que com grande prejuízo, para evitá-la, teve de vender a sua propriedade. (OWEN, 1982, p. 235-237). (grifo nosso).

Ruídos que se iniciavam às onze e meia, se estendendo até as quatro ou cinco horas da manhã, causando incômodo tremendo, a ponto do dono da quinta vendê-la com prejuízo.

Constatou-se, depois, que a antiga proprietária que ali morou, tinha uma doença incurável que não a permitia dormir direito; à noite tinha apenas um sono por um curto período, que a forçava a andar pela casa até as quatro ou cinco horas, quando, exausta, se lançava ao leito para finalmente dormir.

A semelhança dos ruídos com os hábitos dessa mulher é por demais parecida. Somente uma pessoa preconceituosa vê nisso a manifestação do inconsciente. Mas qual dos "inconscientes" estava provocando o fato: o do dono da quinta que nada sabia sobre os hábitos da antiga moradora, tornando-se, assim, um inconsciente brincalhão ou é o próprio inconsciente dela que, sobrevivendo à morte, produzia tais ruídos? Deixamos a resposta à imparcialidade do nosso leitor. Continuando a narrativa:

CASO 2:

Ela teria evitado esse prejuízo se tivesse querido, caso lhe não repugnasse, entrar em comunicação com o seu noturno visitante. Em apoio desta opinião, deixai-me contar o seguinte fato:

UMA GOVERNANTA ARREPENDIDA

Existiu uma jovem dama, a Sra. V., bastante e favoravelmente conhecida por mim como franca, ilustrada e pertencente a uma das mais antigas famílias de New York. Há poucos anos foi ela passar uma ou duas semanas com sua tia, dona de uma casa antiga, espaçosa, bela e hospitaleira, em Hudson River. Essa casa, à semelhança dos velhos castelos da Europa, também tinha uma câmara endemoninhada, segundo a expressão vulgar.

Pouco se falava nisso, mas só se utilizavam desse compartimento em casos de urgente necessidade. Enquanto a Sra. V. aí residiu, os visitantes abundavam na casa e a proprietária, para se justificar com a sobrinha, perguntou-lhe se estava disposta a, cedendo seu quarto aos novos hóspedes, lá ficar um ou dois dias, afrontando o risco da visita de um Espírito. A Sra. V. respondeu-lhe que não tinha medo dos visitantes do outro mundo. E assim ficou tudo combinado.

A jovem adormeceu tranquilamente, sem receios. Despertando à meia

noite, viu andando pela sala uma mulher de meia idade, trajando roupas asseadas, mas de molde um tanto antiquado, e apresentando, aliás, ares de governanta, a quem desconhecia, completamente. A princípio, não se incomodou, supondo fosse alguma empregada da casa que por ali andasse, ou qualquer outra coisa semelhante; mas, quando assim pensava, lembrou-se de haver fechado a porta, no momento de se deitar. Isto impressionou-a e o susto cresceu quando a figura aproximando-se do leito e olhando-a pareceu fazer um forte mas inútil esforço para falar-lhe. Muito assustada, ela cobriu o rosto com o lençol, e, quando, algum tempo depois ousou olhar de novo, já a figura havia desaparecido. Examinou a porta do quarto e encontrou-a fechada por dentro. "Será obra de Espíritos? - pensou, voltando ao leito; mas era uma realidade, se a vista não me enganou". Com essa convicção, depois de uma ou duas horas, adormeceu de novo; na manhã seguinte, porém, com a luz do dia, escapou-lhe a certeza do que havia visto, e alguns meses depois, veio-lhe o esquecimento da visão.

Deu-se, então, uma circunstância que lhe veio reviver a crença, de modo mais seguro, na realidade da aparição do tal visitante da meia noite. Aceitando o convite de uma íntima e apreciadíssima amiga, para passar alguns dias em sua companhia, verificou que essa amiga fazia, ocultamente, experiências espíritas.

A Sra. V., curiosa de certificar-se de uma cousa sobre a qual já há muito ouvira falar, acompanhou a amiga em alguns trabalhos.

Em uma dessas ocasiões, um Espírito se apresentou com o nome de Sara Clark, nome conhecido das duas damas. O Espírito dizia que tinha sido, havia já muitos anos, governanta na família da tia da Sra. V.; que tinha tentado inutilmente comunicar diretamente com a Sra. V. quando esta visitara a casa da tia, e que seu fim era confessar um ato criminoso por ela praticado, e pelo qual pedia o perdão da velha patroa. O insaciável desejo de o conseguir, era o que a levava a manifestar-se no quarto que ocupara, quando na terra. Contou ter cedido à tentação de furtar e esconder vários objetos de prata da família, entre os quais um açucareiro e outras peças que mencionou; que ficaria muito grata, se a Sra. V. narrasse isso à tia, e lhe exprimisse o seu desgosto pelo que havia feito e a esperança de ser perdoada.

Visitando outra vez sua tia, a Sra. V. perguntou-lhe se tinha conhecido uma pessoa chamada Sara Clark. "Certamente, respondeu-lhe sua tia, foi governanta na nossa família a uns trinta ou quarenta anos." - "Que espécie de mulher era ela?" - "Boa, cuidadosa e asseada." - "Enquanto esteve convosco, não desapareceram algumas peças de prata da vossa baixela?".

A interrogada refletiu e disse: "Sim, creio que um açucareiro e outros objetos desapareceram de modo misterioso. For que me fazeis essa pergunta?" - "Não suspeitastes fosse Sara a autora desses desaparecimentos?" - "Não; conquanto ela lidasse com esses objetos, nunca a consideramos capaz de cometer um furto".

Então, a Sra. V. narrou-lhe a comunicação que ela e sua amiga tinham recebido, e, comparando as notas, acharam que a lista dos objetos fornecida por Sara às duas amigas correspondia à dos perdidos, tanto quanto sua tia podia lembrar-se. Não sei o que essa senhora pensou a cerca da história que lhe contara a sobrinha; o certo é que ela disse; "Se foi Sara quem subtraiu os objetos, está totalmente perdoada".

E o importante da história é que desde esse dia, não se deu mais fato algum extraordinário no quarto mal-assombrado. Sara não se mostrou mais aos que ali dormiam.

À vista da posição dos personagens, posso atestar a veracidade desta história, que nos patenteia o laço que prende este mundo ao outro.

O arrependimento existe ali, como aqui; ali se conserva o sofrimento e o desgosto pelas faltas graves cometidas aqui; ali impera o ansioso desejo de obter o perdão daqueles a quem se ofendeu na vida terrena. Em outras palavras; as consequências naturais do mal por nós feito, nos acompanham na fase seguinte da nossa vida, na qual, como na presente, nos emendamos e subimos pela força do arrependimento. Desse modo, o progresso moral depois da morte é semelhante ao que conquistamos na terra. "A arrependei-vos", foi a principal exortação pública do Cristo. A mesma exortação parece dever ser feita a todos os espíritos ainda não libertados das cadeias e dos remorsos terrenos.

Fatos como estes, induzem os espiritualistas a crerem que o outro mundo

é mais semelhante a este do que imaginam os ortodoxos.

Outro corolário é que quando se apresentam esses fenômenos espirituais, o esforço para estabelecer uma comunicação com os Espíritos que se manifestam pode ser útil, tanto a eles quanto aos atormentados habitantes deste mundo. Por esse meio, a Sra. Propert libertando-se dos ruídos que a incomodavam de noite, podia conservar a posse da sua quinta. Também chamo atenção do leitor para a prova de identidade, que apresenta a história da Sra. V. O nome da governanta era desconhecido das duas damas, quando receberam a mensagem. Nada lhes podia sugerir esse nome, nem o conteúdo dessa mensagem. Apesar disso, pelas indagações, conseguem saber que o nome, e tudo o mais, corresponde aos fatos acontecidos trinta ou quarenta anos antes, sem falar do fato da cessação das visitas espirituais, apenas o visitante deixou de ter motivos para se apresentar. (OWEN, 1982, p. 237-241).

Owen, ao continuar o relato, apresenta um caso em que a identidade do morto é atestada de forma clara. A pobre governanta levou para o mundo espiritual a culpa do seu ato delituoso. Como sua consciência lhe cobrava, procurou uma maneira de pedir perdão à sua patroa. Esse foi o motivo pelo qual ela se fez aparecer a uma pessoa que ocupava o quarto mal-assombrado, inclusive, afirmando que não havia conseguido passar sua mensagem, só o acontecendo, quando, numa outra ocasião, seu espírito se comunicou num local onde se fazia sessões espíritas. Ninguém sabia do furto, pois a patroa não tinha a menor suspeita dela, pensava que os objetos haviam desaparecido misteriosamente; portanto, o seu inconsciente não poderia ter revelado essa verdade.

Então de que "inconsciente" veio a mensagem? Não pode ter sido outro senão o do próprio espírito da governanta, o único que conhecia os fatos como ocorridos, e que, no plano espiritual, ainda amargava o remorso pela sua falta. Mas os fatos provam que esse espírito agiu de forma consciente, o que nos leva à conclusão inevitável que "inconsciente" nenhum os produziu. Mais à frente, Owen, relata-nos esse outro caso:

CASO 3:

A IRMÃ IZABEL

Uma tarde de Domingo, no verão de 1855, um médico notável de New York, o Dr. H., assistia à missa na igreja do Rev. Dr. Bellow.

No curso do sermão, quando a sua atenção estava presa aos argumentos do pregador, foi repentinamente distraída, de modo inesperado, pela aparição de três figuras femininas. Elas se mostraram ao lado esquerdo do templo, e depois, lentamente atravessaram o espaço vazio que ficava em frente ao púlpito, reconhecendo então o Dr. H., em duas delas, sua mulher e sua mãe, ambas falecidas. A terceira figura, colocada entre as duas outras e tendo um braço passado ao redor da cintura da de sua mãe, era a de uma formosa jovem. Suas atitudes e gestos indicavam ser uma filha da outra; mas as feições eram totalmente desconhecidas do doutor, não se assemelhando absolutamente às da única irmã que ele tivera, - Ana, falecida em tenra idade, havia trinta e nove anos.

O grupo parou do lado direito da igreja, e ali, duas figuras, - a de sua mulher e a da jovem foram-se gradualmente apagando, para ficar somente a de sua mãe, que, por alguns minutos, fitou nele um afetuoso olhar, para desaparecer também. O Dr. H. teve tempo bastante para observar todas as particularidades dos vestidos das figuras: a touca lisa da quaker, o alvo lenço de musselina preso ao peito, o vestido de seda cinzenta, justamente como usavam, no tempo que ela morreu, as damas idosas da Sociedade dos Irmãos.

Era a primeira vez que em toda a sua vida, o Dr. H. tinha visto uma aparição. Nada, até então, lhe havia dado a mínima indicação de possuir o dom espiritual, a não ser o fato de ter visto, uma vez, quando ia buscar um livro que se achava sobre uma mesa, esta, sem causa aparente, mover-se para o seu lado, aproximando-se de algumas polegadas. O efeito produzido por um fenômeno tão novo e inesperado; qual a aparição dessas figuras, foi grande.

Profundamente pensativo e inclinado a crer que a terceira figura devia ser a de sua irmã Ana, ele foi ter, na tarde seguinte, com um médium, uma das irmãs Foster, a fim de obter explicações.

A pedido do médium, foi pensando, sem pronunciar, em nomes de

mulher, para que a tiptologia indicasse o da jovem, mas passou pelo de Ana sem ouvir o sinal esperado, que só veio, quando ele pensou no de Izabel. Em vão o Dr. H. deu tratos à memória, buscando lembrar de alguma parenta falecida, que assim se chamasse. Em segunda prova, começou a pensar nos graus de parentesco que o podiam ter ligado a essa jovem, e quando pensou no de *irmã*, a pancada se fez ouvir, nítida.

"É engano, - disse ele. Nunca tive irmã chamada Izabel. Uma só morreu, e essa chamava-se Ana." Depois, fazendo um apelo à inteligência oculta, perguntou: "Terei meios de verificar que a figura que vi abraçando minha mãe, era a de uma irmã" - "Sim." - foi a resposta. - "E chamou-se Izabel" Foi também afirmativa a resposta.

Algo abalado com essa persistência, o Dr. H. lembrou-se que a Bíblia de sua família, que ele não mais vira desde a meninice, achava-se em poder de sua madrastra, residente a setenta milhas dali. Sucedendo-lhe depois achar-se nas vizinhanças, foi visitá-la e teve oportunidade de examinar o registro do nascimento e da morte dos membros da família. Ali, com grande espanto, encontrou registrado o nascimento de uma filha, com o nome de Izabel, em 1826, juntamente com o do seu falecimento poucas semanas depois.

O fato sucedera durante uma ausência sua, por cinco anos, da casa paterna, a um tempo em que as correspondências postais eram mais difíceis que agora. É provável que se houvesse extraviado a comunicação desse nascimento e morte, sucedidos em sua família com intervalo tão breve.

O certo é que ele ignorava ter tido essa irmã. Uma vida tão breve, passa usualmente sem deixar vestígios, a não ser na memória de uma mãe.

Conheci por muitos anos o Dr. H., como homem inteligente e observador desapaixonado. Tenho muita confiança em sua veracidade e perspicácia. Foi ele mesmo quem me fez essa narração, que depois de escrita foi submetida ao seu exame e confirmada com pequenas correções.

Cumpr-me observar que o fato indicado pela aparição e confirmado pelo médium, não só era desconhecido do observador, como contrário à sua convicção, ao ponto de conservar-se ele incrédulo, até receber uma incontrovertível evidência. (OWEN, 1982, p. 341-342).

Uma pessoa vê dois espíritos, identifica-os como sendo de sua mãe e de sua irmã. Entretanto, essa irmã achava se tratar da teve o nome de Ana, ao passo que um espírito através de um médium lhe dizia ser Izabel. A informação não era coerente, mas ao buscar informações ficou sabendo que no período em que estava ausente da casa materna, sua mãe havia tido uma outra irmã a qual deu o nome de Izabel, só que poucas semanas após o nascimento ela morreu. Fatos que essa pessoa desconhecia, pelo motivo da ausência.

De que inconsciente foi captada essa informação? Dele que nem sabia desse caso? A realidade, por mais dura que seja para uns, é que foi o "inconsciente" de um espírito quem passou a informação ao médium.

Assim, podemos perceber que não há outra explicação senão aceitar a realidade da comunicação dos chamados mortos com os vivos, seja através de um médium, seja por outro meio disponível. Fatos iguais a esses, em que poderemos corroborar a realidade da comunicação entre os dois mundos, se fôssemos levantar dariam para escrever livros e mais livros.

Aksakof, em *Animismo e Espiritismo*, disse: "... , pois que, se alguma coisa sobrevive ao corpo e persiste, é precisamente o nosso *inconsciente*, ou, melhor, essa consciência interior que não conhecemos presentemente, mas que constitui o elemento primordial de toda individualidade". (AKSAKOF, 2002, p. 23).

Então, realmente podemos admitir que é mesmo o inconsciente que se manifesta; entretanto, é um que não mais se encontra preso a um corpo físico, mas um que já vive na dimensão espiritual, local para onde iremos todos nós após o nosso inconsciente se desenlaçar da matéria à qual estava, provisoriamente, jungido.

Abr/2006.

Referência bibliográfica:

OWEN, R. D. *Região em Litígio entre este mundo e o outro*, Rio de Janeiro: FEB, 1982.

AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, Rio de Janeiro: FEB, 2002.